

# HUMANÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo.

v. 10, n. 2

## RELIGIÃO, CULTURA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: A MISSA DO VAQUEIRO EM SERRITA – PERNAMBUCO

Irenilda de Souza Lima <sup>1</sup>  
Adamastor Moreira Torres<sup>2</sup>  
Giselle Gomes Prazeres<sup>3</sup>

### RESUMO

Para compor este texto, estudamos alguns aspectos do desenvolvimento local associado a um evento cultural e religioso, a saber: a Missa do Vaqueiro, em Serrita, Pernambuco, Brasil. Esta missa foi idealizada por Luiz Gonzaga, cantor e compositor pernambucano de grande reconhecimento. A origem remete a uma celebração em memória do vaqueiro Raimundo Jacó, cuja primeira missa foi celebrada pelo padre João Câncio, em 1970. O espaço litúrgico em que a missa acontece é a própria dimensão do Sertão, em plena caatinga, local onde encontraram o corpo do referido vaqueiro, morto numa emboscada, em 1954. Partindo destas constatações, surgiram os questionamentos sobre de que forma a celebração religiosa e as atividades consideradas profanas, como comércio de produtos artesanais, eventos culturais e vaquejada, estão relacionadas na promoção do desenvolvimento. Os objetivos deste trabalho foram: relacionar o evento religioso aos aspectos comerciais e culturais como estratégia de promoção do desenvolvimento local; identificar neste evento a valorização e empoderamento dos agricultores. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, com uso de observação direta, análise documental, entrevistas e registro fotográfico. Para interpretação dos dados, usamos os aportes teóricos sobre desenvolvimento, religião e cultura. Concluímos que a Missa do Vaqueiro se constitui num reforço e valorização da tradição, evidenciada na linguagem, na poética e contextualização. Há o fortalecimento da identidade e raízes culturais dos povos tradicionais do campo. Foi possível ainda ampliar as discussões em torno de religião e sociedade, e de que forma essa relação pode ser considerada na promoção do desenvolvimento local.

---

<sup>1</sup>Professora da UFRPE – Doutora em Ciências da Comunicação pela USP.

<sup>2</sup>Geógrafo. Membro de Grupo de pesquisa UFRPE.

<sup>3</sup>Teóloga e mestranda do Posmex - UFRPE

**Palavras-chave:** Religião; Cultura camponesa; Desenvolvimento Local.

## **Introdução**

No Brasil, e não diferentemente de outros países capitalistas, o modelo de desenvolvimento hegemônico renova-se através de sua capacidade fluida de moldar-se a novas realidades e nas formas de sempre obter ganhos. As bases norteadoras do desenvolvimento vigente, tanto para as sociedades rurais como para as urbanas, são de valores predominantemente pragmáticos, utilitaristas, econômico, devendo ser ainda laico.

O tipo de desenvolvimento que predomina no mundo ocidental capitalista está respaldado pela ciência no viés positivista. Para Alves (2007), este modo, e nas sociedades onde a ciência cartesiana predomina, as pessoas são: especialistas sem espírito, sensualistas sem coração. Esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca antes alcançado (ALVES, 2007, p. 95 apud WEBER, 1958, p.182).

Quando focamos o desenvolvimento que consideramos ideal para as áreas rurais, constatamos que os elementos culturais devem ser considerados por pertencerem organicamente aos segmentos identificados nos vários territórios existentes. O desenvolvimento almejado deve estar atrelado à cultura rural, campesina, e suas inúmeras formas de expressão, colocando nesta cultura os aspectos, os sentidos de humanidade - o que implica em considerar as subjetividades. E neste leque de considerações estão as variadas formas de se vivenciar o sagrado e a religiosidade.

A cultura dos povos tradicionais que vivem e produzem no meio rural são peculiares, sendo parte dos indicadores que sinalizam o grau de resistência das famílias (agricultores tradicionais, agricultores familiares, campesinos). Neste aspecto, Wanderley (2009), reconhece a família como unidade produtiva e elemento de resistência:

A unidade familiar camponesa como uma forma social de produção capaz de merecer, ela também, um voto de confiança da sociedade sua capacidade de transformação. Esse quadro revela a incompreensão da lógica específica de funcionamento da produção camponesa, que se distingue, naturalmente, da lógica empresarial capitalista. (WANDERLEY, 2009, p.38)

São muitos fatores que diferenciam a cultura camponesa das demais, incluindo nessas peculiaridades as formas de crença e de espiritualidade. Oportuno se faz estudar se, e como, a religião está associada ao fortalecimento e ao empoderamento dos agricultores. Para tal análise, escolhemos estudar a Missa do Vaqueiro, em Serrita – Pernambuco. Percebemos que, como evento religioso e cultural, esta missa mobiliza outros acontecimentos em torno do ato litúrgico.

Segundo Torres (1982), a Missa do Vaqueiro é um festejo popular tradicional do município de Serrita, idealizada em homenagem ao vaqueiro Raimundo Jacó, assassinado misteriosamente na região da Caatinga, em julho de 1954. A missa é um misto de roteiro turístico rural, religioso e também de puro exercício de fé. É realizada no espaço já instituído para tal finalidade, pela prefeitura de Serrita, e está localizado a 30 km do centro da cidade.

É um evento popular com forte possibilidade de tornar protagonistas as pessoas do campo, os vaqueiros, os agricultores e agricultoras. Nesta perspectiva, é interessante salientar a assertiva focada nos vaqueiros. Destacamos o que aborda Bosi:

Os velhos, as mulheres, os negros, os povos tradicionais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. (BOSI, 2004, p.15).

Ainda segundo Torres (1982), apesar do espaço geográfico indicado, em termos litúrgicos, o espaço litúrgico, como se fosse um templo, é a própria dimensão do espaço sertanejo. O ofertório é um dos momentos mais solenes, quando os vaqueiros, vindos de todas as partes do Nordeste, sobem no altar, montados em seus cavalos. Eles depositam as oferendas, peças dos vestuários, adornos dos cavalos, instrumentos usados no trabalho agrícola e nos cuidados com os animais.

Nas observações da pesquisa, constatamos o simbolismo na comunhão, na celebração Eucarística. Nesse momento, os vaqueiros tiram de seus alforjes carne seca, rapadura, queijo, farinha de mandioca e comungam entre si. Durante o ofertório, eles improvisam versos de aboio, no momento de cada peça ofertada. Os cânticos litúrgicos são contextualizados.

Partindo destas constatações, o objetivo geral desta pesquisa esteve na pretensão

de relacionar religião, cultura e desenvolvimento a partir da Missa do Vaqueiro, em Serrita – Pernambuco, Brasil. Nos objetivos específicos, buscamos relacionar o evento religioso e cultural como estratégia de valorização e empoderamento dos agricultores; relacionando a religião, os eventos culturais e as atividades mercantis que geram renda e podem ser analisadas no âmbito do desenvolvimento local.

Nos aportes teóricos, que estão nas áreas de cultura, desenvolvimento local e religião. Este trabalho tem uma dimensão inter e transdisciplinar, e trouxe à baila a teoria crítica, a concepção de campesinato, agricultores familiares identificados nos atores principais da Missa do Vaqueiro, que foi o objeto desta pesquisa.

## **METODOLOGIA**

Em termos metodológicos, essa pesquisa se caracteriza como sendo no âmbito do paradigma qualitativo, cujo estudo é de caráter exploratório, com uso de observação direta em todo o espaço e instalações, e ao assistir a vaquejada. No uso da observação participante, o momento foi a participação na missa. O registro fotográfico foi utilizado como documento inspirado na etnografia. O recurso de análise documental foi feito a partir da liturgia da Missa do Vaqueiro, impressa e distribuída entre os presentes. Para as entrevistas, usamos roteiro simplificado, e contabilizamos 10 pessoas entrevistadas: os agricultores, agricultoras, na condição de vaqueiros, os comerciantes locais e os turistas que vieram participar da Missa.

Nossa participação na Missa do Vaqueiro se aproxima de uma perspectiva inerente à pesquisa participante. E sobre pesquisa participante, Thiollent (2004) indica que: “A pesquisa-ação e pesquisa participante são vistas como formas de engajamento sociopolítico, a serviço da causa das classes populares”.

Realizamos a observação direta nos dias 23 e 24 de julho de 2016 para estudo da 46ª edição da Missa, em Serrita – Pernambuco, Brasil. O interesse de pesquisa direcionava-se às atividades ligadas à religião, à comercialização de bens materiais e associados à cultura, e como ocorreram os shows que antecederam ao dia da missa. Observamos o que acontecia no vasto local e nas proximidades do evento, do pátio da missa. As questões estavam pautadas sobre as procedências das pessoas que participam na condição de expositores, na configuração do comércio e dos comerciantes no centro

de alimentação e gastronomia. Interessava-nos investigar sobre a diversidade de produtos artesanais e sua procedência. Um dos eventos associados à Missa do Vaqueiro - um dos focos de análise - foi a Vaquejada ou a Pega de Boi.

Na observação para análise e para fotografias evidenciamos que um dos eventos importantes foi a Vaquejada. Nesse aspecto, usamos as palavras de Marques de Melo (2008, p.125, apud CÂMARA CASCUDO, 1962, p.767), quando diz que:

A vaquejada é festa popularíssima no sertão e reúne um grande número de curiosos. Algumas atraem vaqueiros famosos que vêm de longe, com seus cavalos citados na tradição oral. É a ocasião em que os cantadores, sempre presentes, improvisam a descrição da festa mesmo se o animal é valente e já conhecido, a estória do touro, imortalizando-o como boi Surubim, [...] o boi Mão-de-pau etc.

Os registros fotográficos foram instrumentos de análise que serviram para os relatos interpretativos, para usos posteriores ao momento da missa, e correlatos a esta. A coleção de imagens captadas nesta coleta de dados foi muito importante para o aprofundamento da pesquisa exploratória, como forma de documentação por imagem, e estão percebidas conforme Brandão (2005) indicou, como sendo um “Escrito com o olhar”.

Por fim, encerrando a descrição da trajetória metodológica proposta, acrescenta-se que as reflexões e investigações sobre os processos comunicacionais e sociais aqui dispostos são resultantes das atividades do Grupo de Pesquisa em Extensão Rural e Educação do Campo para o Desenvolvimento Sustentável, vinculado ao POSMEX – Programa de Mestrado de Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, dos quais os pesquisadores fazem parte.

Como já sinalizamos, os aportes teóricos principais deste trabalho concentram-se nas áreas de cultura, cultura camponesa, religião e desenvolvimento local.

### **Sobre Cultura:**

Na conceituação de cultura, é pertinente entendê-la como uma construção humana. Para tal afirmativa, encontramos em Tardin (2012) a seguinte explicação:

A cultura é toda criação humana resultante das relações entre os seres humanos e deles com a natureza que leva ao estabelecimento de modos

de vida. Trata-se da criação e da recriação que emergem daquelas relações em que os humanos, ao transformarem o mundo, simultaneamente transformam a si próprios. (...) Desta forma, alcança também a ordem imaterial, levando-o a expressar sua subjetividade por meio das artes, teorias, ciências religiões, ideologias etc. (TARDIN, 2012, p.178)

Nas relações entre as pessoas de um determinado território, no sentido que vai além dos aspectos da geografia física, emergem as várias formas de manifestações inerentes ao que fazem e vivem as populações do campo, do campesinato, dos agricultores familiares, que têm reconhecidamente a vocação para o transcender.

Consideramos importante pensar na cultura que se manifesta nas formas de adoração, dos mais diversos credos. Na Missa do Vaqueiro, constatamos que a linguagem tem sotaque local e o jeito poético e emotivo dos vaqueiros e dos povos tradicionais do mundo rural, e especialmente da cultura sertaneja. E como sinaliza Torres (1982): “A missa tem como templo a própria imensidão do espaço sertanejo”.

Ao fazer referência ao campesinato, ligado a este segmento está o referencial da cultura popular, dos agricultores tradicionais, dos agricultores familiares e da marca cultural Sertão. Para melhor compreensão do termo campesinato, utilizamos o que Costa e Carvalho (2012) indicam como sendo um conjunto de famílias de agricultores familiares que vivem e produzem num determinado território:

As famílias camponesas existem em territórios, isto é, no contexto de relações sociais que se expressam em regras de uso (instituições) das disponibilidades naturais (biomas e ecossistemas) e culturais (capacidades difusas internalizadas nas pessoas e aparatos infraestruturais tangíveis e intangíveis) de um dado espaço geográfico politicamente delimitado. (COSTA e CARVALHO, 2012, p.113)

No campesinato, as formas místicas são estratégias de sobrevivência para dar sentido à luta e ao prosseguir. As formas de crer os condicionam para o fortalecimento de sua identidade na relação com a vida, com o significado do seu trabalho na agricultura e o cuidado com as plantas e os animais. Provavelmente, as interfaces da cultura religiosa podem produzir estratégias de superação, sobrevivência, empoderamento e emancipação.

E sobre empoderamento, o termo significa soberania, autonomia e que os indivíduos e as comunidades podem conquistar a vez e a voz, bem como ser protagonistas de seus caminhos e destinos.

A cultura camponesa está associada à existência de famílias de agricultores que, além de produzirem alimentos, são reconhecidos por produzirem outros resultados que são de muito valor, mas nem sempre possíveis de serem reconhecidos, mensurados. Sobre isso, Sabourin (2009) descreve que os camponeses no Brasil vivem entre as trocas mercantis, reciprocidade, redistribuição, valores humanos e prontidão para o bem comum. Assim afirma o autor:

Aliás a lógica camponesa com o vínculo com a terra e com o patrimônio familiar é decorrente de certo tipo de reciprocidade entre as comunidades camponesas e o meio ambiente, de natureza tanto real quanto simbólica. (SABOURIN, 2009 p.278)

Nesta citação, há elementos que nos incitam a pensar que o modelo de desenvolvimento capitalista, que vislumbra predominantemente os valores materiais e econômicos, não traria à baila a valorização de tal característica, já que a lógica é material. Na cultura camponesa, há predominantemente lugar para as riquezas do patrimônio imaterial, do capital cultural, dos mitos, do místico e do humano averiguados na sociologia rural.

Desta forma, na interpretação das características culturais dos agricultores e a relação deles em prestar um serviço de utilidade pública, em sua relação com a sociedade, foi que Cazella; Bonnal e Maluf (2009) indicam que entre os agricultores familiares incidem outras funções que vão além de produção de alimentos e de garantir à sociedade a segurança alimentar. Esse aspecto de ir além da produção de alimentos, os autores indicam como multifuncionalidade.

A agricultura familiar deve ser fortalecida pela capacidade que esta atividade tem de promover emprego, renda, preservação do meio ambiente, cultura, identidade local e justiça social no campo. A partir da ideia de multifuncionalidade, é possível analisar a interação entre famílias e territórios, na dinâmica da reprodução social, de bens públicos relacionados ao meio ambiente, segurança alimentar e o patrimônio cultural. E evidenciamos os bens simbólicos, ligados à cultura, como as formas de crença e de espiritualidade que se encontram no coletivo, como sujeitos coletivos em torno das comunidades de fé.

### **Sobre Religião:**

Ao associarmos os aspectos místicos, ligados à fé e à religião no mundo rural, é pertinente lembrar o que indica Gadamer (2000, p.221), ao referir-se à religião. Na condição de filósofo, fez associações ao campesinato, afirmou que a palavra religião continua sendo um privilégio Romano, cuja origem deve ser da cultura camponesa da antiga Roma. Pertinente citação, já que o objeto de estudo - Missa do Vaqueiro - é uma manifestação religiosa do contexto rural, no Sertão de Pernambuco.

A beleza estética e a profundidade da mística da Missa do Vaqueiro, no contexto da cultura popular e da cultura camponesa, nos inspira a pensar no que expôs Rubem Alves, ao afirmar que a religião tem relação com a experiência do belo:

A experiência religiosa e estética estão muito próximas. Ambas têm a ver com a imaginação. E como Freud muito bem indicou, a arte e a religião são expressões de uma mesma dinâmica emocional. (ALVES, 2007, p.118)

Reforçamos que vivemos sob a égide de uma sociedade com enfoque nos aspectos econômicos, laico e materialista dominante. Mesmo nessa constatação, há lugar e necessidade para pensarmos que os problemas mundiais estão atrelados às formas radicais das manifestações religiosas. E sendo assim, testemunhamos os desastres atribuídos às ações fundamentalistas. Estaríamos correndo o risco da volta da teocracia nas mais diversas formas de adorações e divindades?

Neste aspecto, Burity (2001) faz um questionamento importante ao perguntar se a religião está de volta. Assim pergunta o autor:

Seria justificado relaxarem-se as prevenções contra a volta do [fundamentalismo], isto é daquela pretensão da ascendência religiosa sobre a esfera secular numa auto-atribuída função de guardião da verdade, da moralidade e do sentido? Mas não se trataria de contestar esta definição de fundamentalismo? (...) em outras palavras: diante do esfacelamento de tantas certezas e do fracasso de tantas alternativas, não seria novamente na religião que as pessoas encontrariam guarida para sua busca por sentido e por uma relação mais integrada entre fins e meios? (BURITY, 2001, p.41)

No contraponto, as formas de temor aos radicalismos religiosos, no Brasil e no âmbito dos movimentos sociais do campo, há espaço para se pensar no sobrenatural como estratégia bem-vinda e em forma de mística, que está incluída nos processos de

organização. Os movimentos sociais estão afinados na luta por melhores condições de posse e uso da terra, e por políticas públicas para o fortalecimento da agricultura familiar, incluindo aqui os programas de assistência técnica e extensão rural. Mesmo assim, com uma pauta objetiva, a perspectiva religiosa é traduzida pela abordagem da visão integral do homem e da mulher, em suas competências para a vida, que inclui os aspectos da espiritualidade.

E nestes movimentos e como parte de suas estratégias de ação coletiva estão configuradas as místicas. Também, as místicas estão incluídas nas estratégias de metodologias participativas em apoio ao desenvolvimento da agricultura. O elemento que nos pareceu inusitado na compreensão da mística foi de reconhecer como uma manifestação que vai além do sagrado. Na conceituação de mística, encontramos em Bogo (2012) que:

Mística é o termo compreendido no estudo das religiões como adjetivo de mistério, assimilado por meio da experiência da própria vivência espiritual. Contudo, nos estudos das ciências da religião e na filosofia da linguagem, pode-se compreender que a mística, em suas manifestações subjetivas ultrapassam o aspecto do sagrado e introduz-se na vida social e na luta política, numa clara aproximação da consciência do fazer presente com a utopia do futuro. (BOGO, 2012, p.473)

Ao referir que a mística ultrapassa os aspectos do sagrado, indo para uma ação política e coletiva, entendemos que também se constitui em um dos elementos que invocam as características de soberania e resistência. Em nossos contatos, observamos a heterogeneidade de grupos e, nesta diversidade, vimos que, além da fé católica, há um forte crescimento dos evangélicos e dos espíritas.

Assim, ao conceituarmos culturas camponesas, incluiremos:

Influências étnicas, relações cotidianas com a natureza, conhecimento empírico amplo, oralidade e prática, espiritualidade, religiosidade, estética, relações diversificadas de cooperação, forte predominância patriarcal, e relação família, comunidade e território. (TARDIN, 2012, p.183).

Ainda em Tardin (2012), vem a indicação de diversidade. Mesmo que haja unidade na identidade cultural campesina, implica em espiritualidade, fruto da relação

dos camponeses com a natureza “traduzida numa estética de expressão variada, que se revela em músicas de estilos variados, danças, poética, teatro, bailes e festividades, instrumentos musicais, causos e contos, histórias e lendas, artesanato, artes plásticas, ritos, mitos e outros”.

No contexto do meio rural brasileiro, há uma relação das pessoas com a natureza, com a divindade e com a religião. Seria este contexto diferente dos outros lugares do mundo? Parece que não. Neste sentido, Berger (2001), ao escrever sobre dessecularização do mundo, indicou que:

Tanto aquele que tem grandes esperanças quanto ao papel da religião nos assuntos mundiais, como aqueles que temem esse papel devem estar desapontados pelas evidências fatuais. Não há alternativa senão uma abordagem matizada e caso a caso. Mas há uma afirmação que se pode fazer com bastante confiança: arriscam-se muito aqueles que negligenciam o fator religioso em suas análises das questões contemporâneas. (BERGER, 2001, p. 23)

Consideramos importante que, nos projetos para a promoção do desenvolvimento rural, seja evidenciada a cultura e o lado religioso do contexto social rural, analisados no sentido holístico. Tais expectativas temáticas podem ser justificadas a partir do conceito de complexidade (MORIN, 1996), para vislumbrarmos as pessoas e o contexto de forma integral.

### **Sobre Desenvolvimento:**

Se o tipo de desenvolvimento capitalista, excludente por natureza, não nos é propício, outro tipo de desenvolvimento deve ser pensado. E pensar outro tipo de desenvolvimento é possível, mas é complexo. Nesta linha, o conceito de desenvolvimento local merece nossa atenção por trazer elementos ligados à valorização do que é endógeno, parcerias, mobilizações e ações locais. Para De Jesus (2003), o desenvolvimento local pode ser traduzido como:

Um esforço localizado e concertado, isto é, são lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições de produção e comercialização de bens e serviços de forma a proporcionar melhores condições de vida aos cidadãos e cidadãs, partindo da valorização e ativação das potencialidades e

efetivos recursos locais. (DE JESUS, 2003. p.72).

Verificamos que o conceito de desenvolvimento local exige ações orquestradas em torno de um bem comum ou coletivo. São muitos elementos que entram na conjugação do desenvolvimento desejado. Na busca por referências para pensar o desenvolvimento, encontramos um enfoque diferenciado no que anuncia Amartya Sen (2010). O autor faz alusão aos aspectos de liberdade ao afirmar que o desenvolvimento pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam:

...O enfoque nas liberdades humanas contrasta com visões mais restritas de desenvolvimento, como as que identificam desenvolvimento com crescimento do Produto Nacional Bruto, aumento de rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social. (...) O desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressores. (...) o mundo atual nega liberdades elementares a um grande número de pessoas – talvez até à maioria.. (SEN, 2010 p. 16-17):

No que o autor refere como liberdade está o atendimento básico das questões que ainda não são bens sociais, e públicos democraticamente distribuídos. O desenvolvimento para estas populações, pauperizadas, depende inicialmente de recursos externos, de políticas públicas, principalmente. No que concerne ao objeto de estudo, que é a Missa do Vaqueiro, verificamos que as pessoas que fazem este evento acionam a criatividade, a emoção como elementos importantes para o contexto de homens e mulheres, que transparecem ser integrais, sendo lógicos, obstinados e espirituais.

Na busca por um desenvolvimento mais próximo do ideal, encontramos uma citação importante e pertinente, que conjuga todos os elementos que são importantes para gerar empoderamento, protagonismo e autonomia das populações envolvidas. E esta referência vem de Celso Furtado, quando diz que o verdadeiro desenvolvimento:

É quando a capacidade criativa do homem se volta para a descoberta de suas próprias potencialidades, quando se empenha em enriquecer o universo de que participa, que cabe falar em desenvolvimento, o qual somente se efetiva quando a acumulação conduz à criação de valores que se difundem na coletividade (FURTADO, 1995,p.5).

Na Missa do Vaqueiro, e sobre tudo que ocorre em torno deste evento, há os valores humanos, que fortalecem o perfil dos sertanejos, que se renovam, naturalmente herdeiros e portadores de patrimônios imateriais importantes para a sociedade geral, que são os agricultores ou camponeses.

A missa traz elementos ligados ao cotidiano, à participação, e mostra as dificuldades de um segmento que vive em condições predominantemente precárias. Esta indicação é fácil de confirmação justamente porque está na origem da missa. A questão da violência no campo, já que começou em homenagem a um vaqueiro morto em uma emboscada. Traz esse aspecto da injustiça no meio rural brasileiro, das dificuldades de acesso a bens sociais e direitos, mas também revela esse traço de sujeitos sociais que se organizam em torno da fé e em torno de demandas sociais e políticas importantes.

E assim, ao ser a pessoa que transcende e que se envolve em místicas, que vão além do sagrado, é conquistada a dignidade dos homens e mulheres como sujeitos integrais. Há em evidência um saber local, um saber cultural. Neste caso, o saber que circula entre eles é um saber social, repleto de significações e desdobramentos. Lembrando que, para Morin (1969), o ato do conhecimento é, ao mesmo tempo, biológico, espiritual, linguístico, cultural e histórico. Fundamentado no cérebro, no espírito, na sociedade, na cultura, no mundo, não pode ser dissociado da vida cósmica.

São múltiplos fatores que convergem para a resistência e fortalecimento das comunidades portadoras de tantas virtudes.

## **ANÁLISE E DISCUSSÕES.**

Os elementos norteadores deste trabalho estão indicados na pretensão de relacionar: religião, cultura e desenvolvimento, usando como objeto de análise a Missa do Vaqueiro em Serrita - Pernambuco. No enfoque transdisciplinar, fizemos associações de áreas autônomas, mas com vocação para se unirem e dar origem a um novo conhecimento. E assim fizemos. Isso seria difícil, caso nosso arcabouço teórico de interpretação estivesse baseado no paradigma cartesiano, fruto da lógica das ciências exatas. No entanto, fizemos uso de instrumental epistemológico, baseado na abordagem sistêmica, e da teoria da complexidade (MORIN, 1996). Essas ideias são bem

pertinentes para as análises do objeto pesquisado e as ideias que se amalgamam entre religião, cultura e desenvolvimento. São elementos que permeiam as análises e encontram conexões que se entrelaçam.

O primeiro nível de análise é sobre o empoderamento dos agricultores, e, a partir das observações, análise documental e entrevistas, foi possível afirmar que a 46ª Missa do Vaqueiro, em Serrita, foi celebrada pelo Bispo de Salgueiro, por Dom Magnus Henrique, acompanhado por vários padres da região. Nesse aspecto, o caráter de empoderamento aparece com a liturgia sendo feita de forma prestigiosa pelo Bispo.

A missa se constituiu em três momentos, com descrições de uma bela plástica litúrgica e com riqueza de simbolismos e emoção.

O primeiro momento: é o que podemos indicar como sendo um “show” no altar. Houve a exuberante apresentação do Coral de Aboios, apresentação do grande poeta sertanejo Pedro Bandeira, que participa desta missa desde sua primeira edição. Além de cantores como Josildo Sá, Danilo Pernambuco, Chambinho (que fez o papel de Luiz Gonzaga no cinema) entre outros. Todos cantavam as músicas do repertório cultural do Sertão e de sua gente. Neste aspecto, observamos que todas as manifestações musicais estão na liturgia da Igreja Católica Romana, embora com linguagem contextualizada na cultura sertaneja.

O segundo momento: ocorreu a entrada dos vaqueiros na Arena, todos vestidos a caráter, que se postaram diante do altar, sendo vivenciado o momento da Eucaristia inerente à missa, com a Palavra, o sermão, as músicas, os textos bíblicos e a mesa da Eucaristia: ofertório e o momento do pão e do vinho.

Salientando a importância da Partilha, no decorrer da missa, os cânticos sacros trazem nas letras das canções o cotidiano do vaqueiro, assim como nas preces do Pai Nosso e do Credo.

O terceiro momento: a entrega de indumentária de couro ao padre, como ofertório, que versa a fé deste nobre cavaleiro sertanejo no seu Criador, expressando a esperança de cumprir a missão que lhe garante o sustento da família, como bem cita a prece: "Creio na minha gente, na terra e na semente, no amor que a gente sente (...) Creio nas enchentes, nos rios valentes que faz do presente, o sertão se alegrar.". São estrofes da oração Credo, cuja música e letra são de autoria de Janduhy Finizola.

No momento da finalização, houve um canto de Despedida, também de autoria de Janduhy. Notificamos que a emoção é o elo de união das pessoas. Neste dia 24 de julho de 2016, o céu azul e sem nuvens, o sol era inclemente, e ninguém saía do lugar. E assim, já no final da missa, uma estrofe traduziu bem o hiato deste momento místico e fascinante para com a vida real, que, depois da missa, segue no cotidiano da vida de cada uma daquelas pessoas. E assim, é encerrado o momento cultural, com sete poemas, levando os vaqueiros de volta à sua realidade, quando diz:

*"O fim que chega, fecunda a fé que domina, enquanto a missa termina, de longe em longe um chocalho, pede um cuidado em trabalho, num mundo cinza a tocar"*

Evidenciamos que a Missa do Vaqueiro, e tudo que acontece em torno desta cerimônia, constituem-se em potente objeto que comporta muitas análises num cenário com muitas dimensões de vivências e inter-relações. A missa ainda revela elementos de memória, da história da luta pela terra, pela sobrevivência e por melhores condições de vida no campo, retratados na imagem do vaqueiro. A participação feminina, mesmo ainda em pequena proporção, também pode sinalizar uma abertura na questão de gênero. Observamos muitas mulheres jovens montando cavalos e com vestimentas próximas do design das que usavam os vaqueiros.

Outra observação importante foi entender o caráter de fidelidade a uma tradição. No entanto, houve espaço para a reconversão cultural com a exposição de bandeiras com arco-íris - ícone do movimento LGBT -, indicando a anunciação de um possível espaço de tolerância e de diversidade no contexto do sertão nordestino, o que é um avanço nos aspectos de tolerância e ideológico. Esse foi um elemento de muitos comentários e opiniões divergentes. Mesmo assim, foi um fato interessante de ser ressaltado.

Pela dimensão e exigência de profundidade no material coletado para essa pesquisa, ela sugere outras dimensões de publicações. Incluindo nesses achados um material fotográfico que pode ser consultado em Torres (2016)<sup>4</sup>. Não esgotaremos essas análises nesse trabalho. As dimensões de cada observação e registro vão além do que esse texto pode traduzir.

---

<sup>4</sup><https://adamastorfotografia.wordpress.com/page/2/> acessado em 12 de Agosto de 2016, às 15:39h.

Sobre a promoção do desenvolvimento local: a partir das entrevistas e das observações, verificamos que o evento religioso e cultural gerou emprego e renda, aquecendo, assim, a economia local. Provocou a mobilização e as parcerias, assim como no conceito de De Jesus (2003) indica. Foi evidenciada uma mobilização de cidades em seu entorno ao local da Missa, além de Serrita, Salgueiro, Exu, Moreilândia e outras localidades. Verificamos a ocupação hoteleira, as festas na cidade de Serrita, que continuavam nas noites após os shows do Pátio da Missa, e o aquecimento do comércio.

Apareceu a evidência de que, nesse período do evento, há muitas atividades caracterizadas, como pluriatividades inerentes à agricultura familiar, a partir da constatação de que os agricultores realizam outras atividades durante esta semana da Missa e se identificam como agricultores.

Verificamos entre os vaqueiros que a maioria é de agricultores familiares, e fazem desta prática tradicional elemento de socialização para os mais jovens: filhos, netos e uma geração que deve ser ensinada a prosseguir com a tradição da Missa do Vaqueiro.

## **CONCLUSÃO**

A pesquisa que resultou neste texto fez relações da 46ª Missa do Vaqueiro, em 2016, como evento religioso, cultural e repleto de possibilidades de promoção da cultura sertaneja. Também ficou aparente que houve mobilizações, parcerias e concertações, reciprocidades, solidariedades no exercício da cultura e da fé. O financiamento do evento, o apoio do poder público, as parcerias público-privadas. Estas constatações indicam que o evento cultural e religioso pode ser indicado como promotor do desenvolvimento local.

Também comprovamos que no âmbito de toda a missa houve estratégia de valorização e empoderamento dos agricultores, incluindo, neste aspecto, o lado místico e a vocação para o culto. Conseguimos ainda fazer conexões entre a religiosidade, os eventos culturais e as atividades mercantis que geram renda, empregos mesmo que eventuais, e podem ser analisadas na importância para o desenvolvimento local, e que a divulgação deste evento e cultura local pode provocar um fluxo contínuo durante todo o ano.

Comprovamos que, no viés da multifuncionalidade, além de produzir alimentos e promover a segurança alimentar, os agricultores, na condição de vaqueiros, produzem cultura. Observamos a necessidade de maior valorização deste evento com potencialidade de divulgar a cultura Nordestina e particularmente a Sertaneja. É necessário que haja ações e políticas públicas para o fortalecimento de manifestações como esta para, assim, proteger a identidade campestre que nos encanta, e consequentemente as comunidades rurais, que são patrimônios imateriais da identidade brasileira.

#### REFERÊNCIAS

- ALVES, R.O **Enigma da Religião**. 6.ed. Papirus, Campinas,2007.
- BERGER, P. A Dessecularização do Mundo: uma visão global. In *Religião e Sociedade*. *Religião e Sociedade*. Vol. 21, número 1, ano 2001. Páginas de 9-24
- BOGO, A. Mistica. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- BOSI. E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**, 2.ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.
- BRANDÃO, C. R. Escrito com o olho – Anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e ideias. In MARTINS, J. S; ECKERT, C; NOVAES, S.C. (Orgs). *O Imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru. São Paulo, Edusc. 2005.
- BURITY, J. Novos paradigmas e estudo da religião: uma reflexão anti-essencialista. In *Religião e Sociedade*. *Religião e Sociedade*. Vol. 21, número 1, ano 2001. Páginas de 41-66.
- CAZELLA, A.A; BONNAL, P; MALUF, R. (Org). *Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil*. Rio de Janeiro. Mauad X. 2009.
- COSTA, F.A; CARVALHO, H.M. Campesinato. In CALDART, R. S. ET AL. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular. 2012.
- FURTADO, Celso. A Invenção do Subdesenvolvimento. *Revista de Economia Política*.

Vol. 15, nº 2 (58) abril/jun. 1995.

DE JESUS, Paulo. Desenvolvimento Local. In Cattani, A. David. (org). A Outra Economia. Porto Alegre: Vaz Editores. 2003. 72-75.

GADAMER, H. Dois mil anos sem um novo Deus. In **DERRIDA, J e VATTIMO, G. (org) A Religião. São Paulo. Estação Liberdade. 2000**

MARQUES DE MELO. J. Mídia e Cultura Popular: História, taxionomia, e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN. Edgar. Teoria da Complexidade. Publicações Europa-America. 1996.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade.** Editora Garamond Ltda, 2009, Rio de Janeiro.

SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. Companhia das Letras. São Paulo. 2010.

TARDIN, J. M. Cultura Camponesa. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

THIOLENT, M. Crítica Metodológica, Investigação e Enquete Operária. 13ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TORRES, A.M. SERRITA, A Missa do Vaqueiro. Legenda de documento iconográfico. Julho de de 1982 - álbum fotográfico originado de 30 slides. Meio impresso.

TÔRRES, A. [HTTPS//adamastorfotografia.wordpress.com](https://adamastorfotografia.wordpress.com) (2016)

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. **Agricultura familiar no Brasil – In PETERSON, P. (ORG). Agricultura Familiar Camponesa na construção do futuro– Agriculturas: experiências agroecológicas.** Rio de Janeiro AS-PTA. 2009

Sites acessados:

<https://adamastorfotografia.wordpress.com/page/2/> acessado em 13 de Agosto de 2016, às 15:39h.